



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA**

LOURDIMARIA FERREIRA

**O FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES NO BRASIL: ENTRE SILÊNCIO E
VISIBILIDADE**

GUARABIRA

2023

LOURDIMARIA FERREIRA

O FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES NO BRASIL: ENTRE SILÊNCIO E VISIBILIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Área de concentração: História.

Orientadora: Professora: Dr^a. Edna Maria Nóbrega Araújo

GUARABIRA

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383 Ferreira, Lourdimária.
O futebol praticado por mulheres no Brasil [manuscrito] :
entre silêncio e visibilidade / Lourdimária Ferreira. - 2023.
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Edna Maria Nóbrega Araújo,
Coordenação do Curso de História - CH. "

1. Futebol Feminino. 2. Gênero. 3. Visibilidade. I. Título

21. ed. CDD 796.33

LOURDIMARIA FERREIRA

O FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES NO BRASIL: ENTRE SILÊNCIO E VISIBILIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em História.

Área de concentração: História.

Aprovada em: 14/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Edna Maria Nóbrega Araújo

Professora Dr^a. Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Joedna Reis de Meneses

Professora Dr^a Joedna Reis de Meneses
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente

gov.br

ANA FLAVIA NOBREGA ARAUJO
Data: 20/06/2023 07:31:48-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Ms: Ana Flávia Nóbrega Araújo (UFPB)
Universidade Federal da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a todas as mulheres
que lutam por mais igualdade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL?	9
MULHERES EM CAMPO	13
A LEGITIMAÇÃO MUDIÁTICA	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19
AGRADECIMENTOS	21

O FUTEBOL PRATICADO POR MULHERES NO BRASIL: ENTRE SILÊNCIO E VISIBILIDADE

Lourdimária Ferreira¹

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender a história do futebol feminino no Brasil, abordando o processo pelo qual este passou desde o seu surgimento até o início do século XXI, quando a modalidade começa a ganhar visibilidade e espaço no agendamento público. Destaca-se o silenciamento sofrido pelas mulheres com a proibição da prática do esporte e com a falta de incentivo financeiro, algo que resultou na construção de preconceitos por parte da sociedade e da mídia esportiva, freando o avanço da modalidade e criando uma desigualdade de gênero no meio futebolístico. Para o trabalho, foi utilizada uma pesquisa bibliográfica que transpassou as áreas da Antropologia, da Ciências da Comunicação e da Educação Física, além é claro, da História, para compreender o crescente espaço conquistado pelas mulheres no futebol, a abordagem de Silvana Vilondre Goellner acentua esse espaço destacando os problemas de gênero do futebol, já abordagem de Soraya Barreto Januário se faz necessário para observação da importância e da atuação da mídia no futebol de mulheres.

Palavra chave: Futebol feminino; Gênero; Visibilidade;

ABSTRACT

This research seeks to understand the history of women's soccer in Brazil, addressing the process through which it went from its emergence to the beginning of the twenty-first century, when the modality begins to gain visibility and space in public scheduling. It is noteworthy the silencing suffered by women with the prohibition of the practice of the sport and with the lack of financial incentive, something that resulted in the construction of prejudices on the part of society and the sports media, slowing down the advancement of the modality and creating a gender inequality in the soccer environment. For the work, a bibliographic research was used that crossed the areas of Anthropology, Communication Sciences and Physical Education, in addition of course, History, to understand the growing space conquered by women in football, the approach of Silvana Vilondre Goellner accentuates this space highlighting the gender problems of football, since Soraya Barreto Januário's approach is necessary to observe the importance and performance of the media in women's soccer.

Keyword: Women's soccer; Gender; Visibility;

¹ Graduanda em História pela UEPB – Universidade Estadual da Paraíba.
E-mail: lourdimaria13@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Praticamente todo garoto em alguma fase da sua vida já sonhou em ser um jogador de futebol famoso e jogar em grandes clubes, já ganhou uma bola de presente na infância e jogou com outros garotos no intervalo da escola, ou nos campinhos e ruas perto de casa. Isso porque desde pequeno os garotos são incentivados a gostar e a praticar o esporte de maior expressão do país. Mas, e as garotas? Será que elas sonham em serem jogadoras famosas de futebol?

A realidade das garotas pode ser bem diferente apesar da possibilidade de compartilharem esses mesmos sonhos, elas dificilmente recebem incentivo para gostarem de futebol, sendo raro uma garota ganhar uma bola e ter outras garotas interessadas em jogar futebol. Sendo este um retrato claro de uma construção de subjetividades que categorizou o futebol como coisa do gênero masculino. No entanto, no decorrer da vida de uma garota pode surgir possibilidades de escapar dessa categorização, e a sua trajetória não precisa ser igual à dos garotos, não é preciso ganhar uma bola para aprender a gostar de futebol.

É pensando dessa forma, que relembro o primeiro contato que tive com esse tema: futebol. Eu era criança, tinha recentemente me mudado para a casa do meu padrasto e uma nova realidade me encontrará ali, uma delas era a presença de um irmão mais velho. Ele e outros garotos jogavam bola na frente de casa todas as tardes, em uma dessas o meu irmão me chamou, e mesmo sendo algo totalmente novo não pensei duas vezes, me juntei a eles e quis aprender a jogar futebol. Naquele mesmo dia conheci o preconceito que é ser uma garota e gostar de futebol. Minha mãe não gostou de me ver com outros garotos correndo atrás de uma bola, disse que não era brincadeira de garota. No entanto, não me proibiu de jogar e, na outra tarde, lá estava eu jogando com os garotos. Com o tempo comecei a jogar também na escola, sempre com uma dúzia de garotos e sempre recebendo olhares preconceituosos, até mesmo dos garotos que jogavam comigo e vez ou outra me xingavam por ser uma garota e está inserida no meio dos garotos, praticando um esporte que era “coisa de menino”.

Essa vivência não é exclusiva, muitas garotas que se interessam por futebol são reprimidas, invalidadas e proibidas de praticar, um problema enfrentado por muitos anos que está longe de ser resolvido. Apesar das mudanças significativas, ser mulher no meio futebolístico é muito difícil, é uma história marcada por diferentes formas de violência como aponta PISANI (2018). Dentre elas está a violência simbólica, que destaca o silenciamento sofrido pelas mulheres como a proibição da prática do esporte e a falta de incentivo financeiro. A presente pesquisa parte justamente dessas duas questões, a história do futebol feminino é marcada por muitos obstáculos ao longo da história, e teve no Decreto-Lei 3.199 do ano 1941 a proibição decretada pelo governo de Getúlio Vargas como marco que reforçou ainda mais os obstáculos e preconceitos.

Vários são os argumentos possíveis de serem recrutados para explicar ou, ainda, explicar a pouca visibilidade conferida às mulheres no futebol brasileiro. Para além da justificativa da ausência de patrocínio recorro à dois deles que são facilmente identificados em vários espaços sociais: a aproximação, por vezes recorrente entre o futebol e a masculinização da mulher e a naturalização da representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Por estarem profundamente

entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres de algumas modalidades esportivas tais como o futebol e as lutas (GOELLENER, 2005. p.143).

Os discursos da época criticavam as mulheres que queriam jogar futebol por considerar que seria uma prática contrária à imagem ideal da mulher. Uma vez que a prática esportiva levava ao delineamento dos músculos e os corpos tornavam-se hígidos o que contrariava a ideia dos corpos doces femininos. Havia a concepção que o “suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os gestos espetacularizados dos corpos, a liberdade de movimento, a leveza das roupas, a seminudez”, interferiam na saúde e beleza e não condizia com o que era o papel da mulher de dona de casa, esposa e mãe.

Até pouco tempo, a própria história das mulheres era desconhecida, o silenciamento historiográfico feminino esteve durante séculos inserido em uma esfera de poder patriarcal, foi apenas a partir da Nova História Cultural, nos anos 1980, que vemos uma crescente atenção para o feminino como sujeito. De acordo com Peter Burke (2008), a história deixa de se restringir à política e passa a considerar os aspectos econômicos, sociais e culturais da sociedade, dessa forma alguns sujeitos esquecidos são valorizados como as crianças, as mulheres e as camadas populares. Também os sentimentos e as mentalidades passaram a ser alvos de interesse dos historiadores.

O fato é que isso possibilitou que a história das mulheres ganhasse visibilidade, muitos assuntos relacionados ao feminino começaram a ser motivo de interesse por parte dos estudiosos, como é o caso do futebol. No entanto, engana-se pensar que temos muitos trabalhos historiográficos sobre o tema, são poucas obras, poucas fontes, e principalmente, poucos historiadores pesquisando sobre o futebol feminino.

Nesse sentido, a presente pesquisa busca compreender a história do futebol feminino no Brasil, apresentando de forma resumida o processo pelo qual este passou desde o seu surgimento até o início do século XXI, quando começou a ganhar visibilidade. Inicialmente, o futebol de mulheres enfrentou muitos desafios e preconceitos seja por parte da sociedade, da mídia esportiva, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escola ou das próprias autoridades governamentais do país, o que levou a criação da Lei 3.199 que proibia mulheres de praticar o esporte. Essa proibição não significa o fim de tal prática, mas contribuiu para que as mulheres jogadoras fossem silenciadas e aumentasse o distanciamento entre as práticas masculinas e femininas. E mesmo com o fim dessa lei não significou de imediato a transformação no cenário do futebol feminino, as mulheres seguiram sem estímulos, enfrentando preconceitos, falta de apoio e investimentos até os anos 2000, quando algumas mudanças começaram a acontecer.

Para construção desse artigo, foi realizado um apanhado bibliográfico multidisciplinar, com ajuda da Antropologia, da Ciências da Comunicação e da Educação Física, além é claro, da História. Algumas autoras dessas áreas foram fundamentais para compreender o crescente espaço conquistado pelas mulheres no futebol, a abordagem de Silvana Vilondre Goellner acentua esse espaço destacando os problemas de gênero do futebol, já abordagem de Soraya Barreto Januário se faz necessário para observação da importância e da atuação da mídia no futebol de mulheres.

O trabalho está dividido em três tópicos: no primeiro apresenta-se o surgimento do futebol no Brasil, abordando as primeiras práticas e praticantes responsáveis por difundir o esporte que conquistou um espaço significativo na identidade brasileira, tornando-o uma paixão nacional negada às mulheres; no segundo tópico, temos a discussão a respeito da crescente participação feminina no esporte masculinizado; e no terceiro, é exposto o papel destinado a mídia na construção da imagem do futebol feminino nas últimas décadas.

2. BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL?

No Brasil, até o século XIX, a prática de atividade física era a “caminhada, o passo rápido com suas tensões e seus choques, o passeio misturando arcaísmo e modernidade [...] o porte ‘livre, de manutenção fácil’ e que provoca o embelezamento por seus abalos: as sacudidelas reiteradas ativam as partes” (VIGARELLO, 2006, p. 96, apud SOARES JÚNIOR, 2015, p.236). Era uma prática que visava deixar o corpo livre, solto. Com o passar do tempo, os exercícios passaram a ser visualizados com o objetivo de vigiar e corrigir o corpo, daí a ginástica passou a exercitar o corpo por inteiro.

No início do século XX, a educação física tornou-se obrigatória nas escolas, “mas as pessoas se exercitavam voluntariamente em academias, associações atléticas e na sua própria casa. [...] os clubes pularam, com destaque para o futebol, mas envolvendo todos os esportes”. A modelação e o condicionamento do corpo e da mente se tornaram uma obsessão. (SEVCENKO, 1998, p. 769).

O Club de Regatas do Flamengo foi o núcleo de onde irradiou a paixão pelos esportes, dali partiu a formação das novas gerações e a “glorificação do exercício físico para saúde do corpo e da alma”. A segunda grande febre desportiva do Rio de Janeiro veio com o futebol e logo ganhou mais adeptos do que as regatas. Inicialmente difundido entre as elites foi adotado pelos grupos populares. (SEVCENKO, 1998).

Desde que foi inserido no Brasil no século XIX, o futebol conquistou entusiastas de todas as classes sociais e econômicas se consagrando ao longo do tempo o esporte mais popular do país, o que fez do futebol uma paixão nacional. Jogar futebol naturalizou-se como brincadeira dos meninos, dos jovens e homens de todas as idades. Na falta de uma bola de couro ou de plástico, servia uma bola de meia.

Segundo Marcos Guterman (2009), o futebol da década de 1880 era desorganizado e modesto, sem campos adequados e equipamentos disponíveis para a prática. Em 1894, isso começa a se modificar. O retorno de Charles Miller ao Brasil marca uma nova fase do esporte, o brasileiro de descendência inglesa introduz no país um futebol de “perfil competitivo, com suas regras, limitações e artimanhas”. A partir de então, o futebol passou a ser difundido na sociedade, tendo a sua primeira partida disputada dentro das regras oficiais no ano de 1895. Promovido pelo próprio Miller, o jogo ocorreu na Várzea do Carmo, em São Paulo, realizado entre funcionários das empresas inglesas Gas Company of São Paulo (Companhia de Gás de São Paulo) e São Paulo Railway Company (Companhia Ferroviária de São Paulo), a equipe Railway Company saiu vencedora. Como consequência desse primeiro jogo, equipes começaram a ser formadas.

Existe diferentes versões sobre os primeiros times de futebol que surgiram no Brasil, algumas apontam para o São Paulo Athletic como sendo o primeiro. Guterman (2009) destaca que o São Paulo Athletic foi fundado em 1888 como time de críquete, só apenas depois da chegada e insistência de Miller que o clube passou a praticar o futebol, em 1896. O primeiro clube destinado exclusivamente ao futebol foi fundado em 1898, a Associação Atlética Mackenzie College foi pioneira, sendo seguida pelo Sport Club Internacional e Sport Club Germânia em 1899, no ano seguinte foi a vez do Club Athletico Paulistano. No Rio de Janeiro, o primeiro clube estabelecido foi Fluminense Football Club, em 1902, que estimulou a criação de novos clubes no Estado, outros estados como Bahia, Minas e Rio Grande do Sul também adotaram o futebol, e assim mais times surgiram Sport Club do Recife, em 1905; Clube Atlético Mineiro, em 1908; Sport Club Corinthians Paulista, em 1910; Santos Futebol Clube, em 1912; Clube de Regatas do Flamengo, em 1912; e Club de Regatas Vasco da Gama, em 1915, estes últimos clubes já existiam na prática do remo no Rio de Janeiro.

Embora a cronologia possa apresentar algumas diferenças, o importante é que desde o final do século XIX, a bola chegou ao país e teve início as discussões em torno do futebol. Questionava-se não apenas como se jogava, mas também quem poderia jogar. E embora tenha despertado interesses em homens dos diferentes segmentos sociais, de início era voltado para os homens brancos e abastado.

Quando trazido da Europa, em 1895, pelas mãos – e pés – do descendente de ingleses Charles Miller, o esporte ficou recluso à parcela mais abastada da população. Miller, então com 20 anos ao introduzir o esporte, já difundido na Inglaterra, entre conhecidos seus e de seu pai, calhou de formar times com jogadores de uma elite, portanto, brancos. Em seu início, o futebol servia como vitrine de um modo de vida europeizado, cosmopolita – um índice do que se propagava à época como “civilização e progresso, além de um traço de distinção social. [...] Por certas filigranas semilegais, até a década de 1920, negros eram impedidos de jogar ou mesmo torcer pelos times – que tinham sempre origem grã-fina, com nomes em inglês, como o Sport Club Corinthians Paulista e o Fluminense Football Club. [...] Nos subúrbios o interesse pelo futebol foi amplificado. o Bangu, o Maria Angu Foot-Ball Club, o Bon-sucesso, o Cascadura F. C., o Campo Grande F. C., o Del Castilho, o Engenho de Dentro, o Primavera F. C. (Campo Grande), o Ilha F. C. (Guaratiba), o Sport Club nacional (Encantado), o Bahia F. C. (Cascadura), o Madureira – foi com esses clubes, compostos de operários em sua maioria, que o futebol finalmente começou a assumir uma feição popular. (KAZ, SILVA, 2013, p. 69/70)

A partir da criação de novos clubes, as competições oficiais e a formação de ligas de futebol não tardariam a surgir, a Liga Paulista de Futebol foi a primeira a ser organizada, em dezembro de 1901. Logo as partidas de futebol contaram com a presença do público e da imprensa, difundindo ainda mais o esporte pelo país e despertando o interesse de toda a massa, os brasileiros começavam a se apaixonar pelo esporte, ao lado desse sentimento surge as exclusões.

Nas primeiras décadas do esporte no Brasil, o acesso ao equipamento para a prática era importado e com impostos altíssimos, o que dificultava a difusão do futebol, apesar disso, o esporte foi difundido entre a classe operária que trabalhava em empreendimentos ingleses, esses começaram a praticar e montar clubes entre eles, como a exemplo do Vasco da Gama. Essa participação

operária tem repercussão na época, “a popularização do futebol, embora rejeitada pelos seus praticantes aristocráticos, pode ter sido vista na época como apaziguador social, em meio aos primeiros movimentos de organização operária” (GUTERMAN, 2009, p. 39).

Se nos primeiros anos o futebol era elitista, não demorou muito para as classes mais baixas romperem com esse modelo e ingressarem na prática do futebol, apesar de não serem aceitos nos grandes clubes, negros e pobres conquistaram o seu espaço e popularizaram ainda mais o esporte. Guterman (2009, p. 44) aponta que: “Arthur Friedenreich foi o primeiro grande herói do futebol brasileiro”, isso porque foi dos pés de um negro o gol do primeiro título internacional da Seleção Brasileira, algo que modificou a trajetória dos negros no futebol, modificou a própria trajetória do futebol brasileiro.

O campeonato Sul-Americano de 1919 foi um divisor de águas para o futebol brasileiro, o país foi sede da competição e contou com a participação da Argentina, Chile e Uruguai, que era o favorito por ter ganho as duas edições anteriores. Em jogo valendo o título, o Brasil venceu o Uruguai com um gol histórico, em um jogo que durou 150 minutos. Os brasileiros que já estavam entusiasmados com o esporte se viram em êxtase após essa vitória, o futebol se transformou em uma febre nacional, evoluiu e foi ganhando cada vez mais profissionalismo.

Em 1930, a primeira Copa do Mundo foi realizada. O Brasil não obteve bons resultados e sequer passou da primeira fase, Guterman (2009, p.77) aponta que um dos problemas que resultou nesse mau desempenho foi a falta de organização, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) teve que enfrentar uma rixa entre paulistas e cariocas que brigavam pela hegemonia, ao realizar a convocação a CBD convocou os melhores que havia nos dois Estados. No entanto, a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) descontente com a comissão técnica que era majoritariamente carioca, vetou a participação dos atletas paulistas na Copa, o que resultou em uma seleção ainda mais inexperiente. Apesar dessa estreia modesta em copas, o futebol brasileiro foi se estruturando e crescendo ainda mais por todo o país, ganhando adeptos de todas as classes, raças e sexos, tornando uma paixão nacional.

Entretanto, essa paixão foi negada às mulheres durante 40 anos. Sob argumentos de que as práticas de esportes de exigência física não eram adequadas à natureza feminina, mulheres foram proibidas por lei de praticarem o futebol, sendo esse e outros esportes, segundo o governo de Getúlio Vargas, uma ameaça à saúde reprodutiva, aos padrões de beleza e a feminilidade.

Havia a concepção de que o suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, abrandariam os limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. (GOELLNER, 2005, p.144).

Com a popularização do futebol no Brasil, o esporte por consequência participou do processo da construção de papéis sociais de homens e mulheres. Para os homens, o futebol se tornou meio de validação da sua masculinidade, já para as mulheres, o espaço no meio esportivo foi o de auxiliar os homens para que estes desfrutassem do seu melhor futebol, o papel de mulher dedicada. Os

argumentos que afastavam as mulheres dos campos consideravam o futebol um esporte violento, que traria desonra para as praticantes que ultrapassariam os limites e condutas impostas pelo seu sexo. A participação delas no futebol representava uma “transgressão ao hegemonicamente aceito como constitutivo da identidade feminina” (GOELLNER, 2005, p. 146).

Que identidade seria essa? Nesse período o corpo feminino era moldado para ser esposa e mãe, a prática de esportes violentos infringiria isso, era um risco para uma “prole sadia”. Ainda de acordo com ALMEIDA (2013), o Estado Novo entendia que as mulheres praticantes desse esporte violento estariam quebrando a “ordem fisiológica” e afetando a “capacidade reprodutora” da mulher, jogar futebol e ter atitudes masculinas representava “uma inversão, uma anomalia”, e estava fora de cogitação permitir essa prática.

Dessa forma, considerando o futebol um malefício para as mulheres, o Governo Militar publicou novamente o Decreto-Lei Nº 3.199 que proibia especificamente a prática de futebol pelas mulheres. Essa proibição detalhada surge frente à resistência empreendida pelas mulheres que continuaram jogando futebol de forma clandestina, uma atitude transgressora que representou uma invasão do espaço eminentemente masculino, e uma quebra na convenção social que necessitava de reajuste que apenas a lei proporcionava. Segundo Goellner (2007), os argumentos que forjam essa lei demarcam o espaço de sociabilidade das mulheres pois determinam quais atividades são apropriadas aos seus corpos, corpos femininos que são julgados como sendo naturalmente mais frágeis que corpos masculinos.

Apesar de toda discursividade construída sobre as mulheres poderem ou não praticar o futebol, o fato é que as mulheres não se prenderam a essa proibição e mesmo clandestinamente, correndo riscos e sendo julgadas, elas organizaram-se para jogar. Modestas equipes foram sendo criadas e aos poucos a modalidade foi configurando-se, ganhando cada vez mais adeptas apaixonadas e comprometidas com o futebol feminino, a postura dessas mulheres foi determinante para a modalidade feminina sobreviver até o fim da proibição, o que não significou uma mudança rápida e efetiva, mas que possibilitou novas oportunidades.

Conforme o regime militar dava indícios de declínio e uma nova sociedade estava para ser construída diante da esperança de liberdade e resistência, aspectos essenciais para o futebol de mulheres trilhar caminhos que foram, inicialmente, freados por discursos utilizados para respaldar o domínio masculino não só no esporte, mas também em outros espaços. O futebol é configurado como área reservada aos homens e foi pauta de discursos que impediram o desenvolvimento das mulheres no futebol.

Se para o entendimento popular o Brasil é o “país do futebol”, ele tardou a incluir e a promover a modalidade do futebol praticado por mulheres, os passos efetivos foram dados apenas no fim da década de 70 quando a lei que proibia as mulheres de jogarem futebol foi revogada, a partir de então as mulheres lutaram para a regulamentação da modalidade, o que só ocorreu em 1983 e permitiu a criação de calendários para competição, surgindo nesse período os primeiros clubes pioneiros no profissionalismo, como o Esporte Clube Radar.

O Esporte Clube Radar foi pioneiro no desenvolvimento do futebol praticado por mulheres, em 1981 contava com uma equipe comandada por Eurico Lira, um dos grandes incentivadores dessa modalidade. Segundo informações do Museu do Futebol, o clube era um dos mais bem estruturados

do período, contava com patrocínio e teve conquistas significativas como o I Campeonato Estadual Feminino do Rio de Janeiro e a I Taça Brasil de Futebol Feminino, ambos em 1983.

No entanto, não era um mar de rosas participar da equipe, as jogadoras do Radar e de outros clubes enfrentaram “os signos relativos ao futebol de mulheres: os estereótipos de gênero e particularmente o da beleza estética versus masculinização.” (ALMEIDA, 2013, p. 81), a pesquisa de Almeida destaca a forma em que a sociedade definia as mulheres que praticavam o futebol, e como a imprensa reproduzia e reforçava estereótipos relacionados às jogadoras de futebol. A narrativa da imprensa brasileira apontava para dois tipos de jogadoras, as que estavam próximas do padrão de feminilidade e as masculinizadas, com condutas de jogo semelhantes aos homens, essas brigavam em campo e tinham jogadas violentas.

Quando as mulheres ultrapassam a linha que divide as culturas “masculinas” das culturas “femininas” e tornam-se atletas de sucesso, seus corpos passam a ser vistos de outra forma. Os corpos dóceis e delicados, vistos outrora como uma marca da feminilidade, dão lugar corpos musculosos obtidos de forma brutal. O processo de ressignificação corporal resultou em um período de adaptação social que, de certa forma, dura até hoje. (ALMEIDA, 2013, p. 88)

Refletir sobre esse processo de adaptação social que Almeida (2013) aponta é significativo para compreendermos os enfrentamentos do futebol de mulheres ao longo dos anos, a linha que divide as culturas femininas das culturas masculinas e todas as discussões de gênero estão profundamente associadas ao desenvolvimento da modalidade, uma série de comparações são realizadas, ao longo do caminho.

3. MULHERES EM CAMPO

De forma transgressora as mulheres estão presentes no futebol brasileiro: vão aos estádios, consomem produtos de seus times, são sócias de seus clubes, fazem comentários, divulgam notícias, trabalham no jornalismo esportivo ainda que lutando por um espaço, arbitram jogos, são técnicas, jogadoras, participam do mundo do futebol e enfrentam os preconceitos existentes e a pouca visibilidade para a modalidade destinadas às mulheres que jogam. (BOTELHO, 2019, p.134-135).

A história do futebol no Brasil sempre esteve fixada na modalidade masculina, a participação das massas, os campeonatos emocionantes e os títulos conquistados ao longo do tempo pela Seleção Brasileira serviram de bases para o esporte cair no gosto dos brasileiros, ele se tornou uma paixão nacional e o legitimaram como sendo um esporte masculino, único a ser divulgado e comentado. E não teria como ser diferente, entre 1941 e 1979 os homens foram os únicos a terem permissão para jogar, para organizar competições e assim se desenvolver taticamente, ganhando cada vez mais visibilidade e investimento, de modo a ser incontestável a desigualdade de gênero no futebol. Mesmo após a regulamentação, a modalidade feminina

esteve em constante desvantagem, enfrentou proibições carregadas de preconceito, sofreu com a falta de investimentos e com o boicote da mídia, algo ainda muito presente.

Lima (2019) destaca que o futebol passa por um recorte de gênero com grande privilégio masculino em relação ao feminino, a própria designação de futebol feminino é entendido por Januário (2019, p. 51) como sendo excludente, visto a necessidade de especificar apenas quando o esporte é praticado por mulheres, o que não ocorre essa mesma necessidade de indicar quando se fala sobre o futebol masculino. Isso se deve porque culturalmente associamos o futebol à figura masculina, a introdução da mulher nesse espaço quebra essa regra dando início a uma desconstrução do machismo no cenário esportivo, e mesmo lidando com todos os preconceitos e falta de estímulo as mulheres avançaram no futebol.

A partir da década de 1980, as mulheres foram ganhando espaço no campo de futebol. De acordo com o *ge.com*, o portal de notícias de esporte da Rede Globo (2019), em 1988 a Federação de Internacional de Futebol (Fifa) realizou um Mundial feminino experimental, a seleção montada para o torneio contava com algumas jogadoras do Esporte Clube Radar, e apesar de haver um certo incentivo na participação das brasileiras nesse campeonato, sequer confeccionaram roupas para as jogadoras. Elas utilizaram as sobras dos uniformes masculinos. No entanto, isso não atrapalhou o desempenho da seleção que ganhou medalha de bronze, e principalmente, os olhares dispostos a desenvolver a modalidade.

Com esse pontapé, o esporte entre as mulheres se popularizou. O Brasil chegou a participar da primeira Copa do Mundo Fifa de Futebol Feminino em 1991, e também da Olimpíadas de 1996, mas o tratamento amador traduzia bem o desinteresse em criar bases sólidas para o desenvolvimento da modalidade no Brasil. Segundo o portal Bola Brasil Mulher (2018), é apenas depois do sucesso nas competições dos anos 2000 que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) organiza uma competição de nível nacional, criando a Copa do Brasil de Futebol Feminino em 2007, a competição colaborava para o surgimento de novas atletas que impulsionaria a Seleção Brasileira, que já tinha ganhado o vice-campeonato na Copa do Mundo de 2007 e lançado expectativas em torno do futebol feminino que crescia adquirindo destaque, ao mesmo tempo notava-se a escassez no investimento e a falta de visibilidade, além da discrepância em vários outros aspectos se comparado ao futebol masculino.

É possível dois modos de comparação entre a modalidade feminina e a masculina, a primeira se refere a imposição sociocultural de conceder características de esportes que exige contato físico à homens, as comparações corporais biológicas serviam para certificar qual era o corpo adequado à prática esportiva, e a segunda se refere ao próprio desenvolvimento das modalidades. Os homens sempre estiveram passos à frente das mulheres, isso porque tiveram possibilidade de organização, receberam incentivo e visibilidade, principalmente da mídia uma grande aliada para o reconhecimento, além disso, os investimentos de marcas famosas possibilitaram elevar o futebol masculino, a modalidade que o tornou um produto.

De acordo com Goellner (2021), a regulamentação não veio acompanhada de investimentos que possibilitasse a manutenção da modalidade, o atraso era visível, em grande medida o cenário começa a se modificar apenas nos anos 2000, com um ciclo vitorioso da Seleção Brasileira:

uma medalha de ouro no Pan de Santo Domingo em 2003; uma medalha de prata nos Jogos Olímpicos de 2004 e 2008; e uma medalha de prata na Copa do Mundo de 2007. Outro momento de grande modificação ocorreu mais recentemente, em 2017 a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) decidiu “obrigar os clubes que desejam disputar suas competições no masculino a terem times femininos a partir de 2019” (ge, 2019). Essa decisão abriu novas possibilidades, os dirigentes dos principais clubes passaram a organizar clubes femininos e a modalidade a receber novos olhares, investimentos foram sendo realizados.

Em 2019, uma nova transformação é notada no futebol feminino. A Copa do Mundo realizada na França representou um novo capítulo dessa história no Brasil, que não viu a Seleção Brasileira Feminina passar das oitavas de final, mas presenciou um campeonato marcado pelo ineditismo em vários aspectos: transmissão televisiva, uniformes exclusivos e maior presença de patrocinadores, além da forte representatividade e luta das mulheres. Considerando tais aspectos, nota-se o quanto o futebol masculino recebe um destaque superior (na mídia, em patrocínio e investimentos) em relação ao feminino.

A Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA é o evento mais importante da modalidade. O mundial ocorre a cada quatro anos e teve 8 edições realizadas. Na sua primeira edição, que teve China como país sede, contou com a participação de 12 seleções – China, Japão, Taipé chinês, Nigéria, Brasil, Nova Zelândia, Dinamarca, Itália, Alemanha, Noruega, Suécia e Estados Unidos - tendo a seleção norte-americana como a primeira campeã do mundial, vencendo a seleção norueguesa. Atualmente participam 24 seleções no torneio. Podemos perceber que ao longo dos anos o evento tem se expandido. Hoje se estuda a possibilidade de realizar a edição de 2023 com a participação de 32 seleções. (GONÇALVES, 2021, p. 18).

4. A LEGITIMAÇÃO MUDIÁTICA

Um dia eu estava sentada no banco de reservas, um dos jornalistas que estava cobrindo o jogo chegou próximo de mim. Achei que ele iria fazer alguma pergunta, mas não. Ele enfiou a mão na caixa de gelo – onde estava, as nossas águas – colocou um gelo na ponta do dedo e perguntou: Quer dar uma chupadinha? (Trechos do caderno de campo de Marine da Silva Pisani).

Discursos como estes permitem identificar o quanto o futebol de mulheres foi marcado por ideias machistas direcionadas a quem desafiava jogar o esporte que era tido como prática de homens. Elas enfrentavam preconceitos, assédios, críticas ou eram silenciadas.

Diferente do Mundial masculino, os jogos do Mundial feminino só foram receber transmissão em canal aberto na sua oitava edição, um fato que evidencia a falta de visibilidade que a modalidade enfrentou durante décadas. Segundo Januário e Veloso:

A mídia é um dos artefatos que estão inseridos em um conjunto de instâncias culturais e como tal funciona como mecanismo de representação e representatividade, ao mesmo tempo em que opera como constituidora e legitimadora de identidades culturais. Ao entendermos a mídia como uma pedagogia cultural (SABAT, 2001;

LOURO, 2004) que fomenta valores, produz saberes e regulam condutas constituindo hierarquias – no caso do nosso recorte hierarquia de gênero – e relações de poder. (JANUÁRIO; BOTELHO, 2019, p. 54).

Nesse sentido, a mídia tem um papel fundamental na legitimação do futebol de mulheres, já que ela “constrói e modela a sociedade através da produção dos “fatos”.” (Martins e Morais, 2014 p.71), além de que “a mídia é produtora de pautas e conteúdos da agenda pública, mas também ela é reflexo da sociedade” (Gonçalves, 2021, p16).

Nos anos de proibição, a imprensa foi a principal responsável por difundir informações que alimentavam a opinião pública contra as mulheres que jogavam ou que queria praticar o esporte. Diversas matérias desvalorizavam o gênero feminino, faziam-se comparações com o masculino e associavam a imagem das mulheres a aspectos relacionados a sua beleza e ao seu papel socialmente construindo, a de mulher mãe, esposa e dona de casa.

De acordo com Goellner (2007), entende-se que toda discursividade entorno do corpo quando associada aos processos de socialização constroem demarcações que funcionam de maneira definidora, definindo o que é coisa de homem e o que é coisa de mulher, a exemplo do futebol, demarcado como esporte masculino através de discursos que tiram a aptidão do corpo feminino para a prática do futebol.

Agindo a favor dessa demarcação, o discurso propagado por jornais e pelo sistema televisivo frearam o crescimento da modalidade feminina, por consequência o incentivo financeiro e até mesmo o moral foram inexistentes, surgindo assim a discrepância entre o futebol feminino e masculino. De acordo com site The Conversation (2019), os valores pagos a equipes masculinas e a jogadores são muito mais altos, a própria premiação do campeonato deixa isso evidente, enquanto a seleção campeã do mundial feminino recebeu US\$ 4 milhões, a campeã do mundial masculino de 2018 recebeu US\$ 38 milhões, uma diferença que escancara a desigualdade de gênero.

Um problema que vai muito além dessa questão, não é apenas os valores das premiações ou dos salários das atletas, a desigualdade recai também sobre o tratamento que as jogadoras recebem nas competições, as condições de jogo não são as mesmas dadas aos homens, e o futebol de mulheres tão pouco é promovido em todo o mundo. Um exemplo disso é o agendamento da Copa do Mundo Feminina, a final do mundial ocorreu no mesmo dia das finais de outros dois campeonatos masculino, a Copa Ouro e a Copa América, algo que indica o baixo comprometimento que a FIFA tem com o futebol feminino.

Martins e Morais (2014) apontam que questões sociais contribuíram para a rejeição das mulheres no futebol, e que isso é observado no tratamento que os meios de comunicação dão à participação feminina, dada a frequência de matérias relacionadas a elas, os conteúdos postados e a relevância significativa desses conteúdos. Os autores ainda identificam que uma pequena mudança é percebida após o inédito resultado nas Olimpíadas de Atenas em 2004, o bom desempenho na competição refletiu no número de matérias acerca do futebol de mulheres, com a conquista da medalha de prata novos olhares se voltaram para a modalidade, caminhando para uma aceitação da sociedade.

Fica evidente pelas matérias analisadas que, além do preconceito que as mulheres enfrentam, particularmente num país que ainda acha que

futebol é coisa de homem, elas têm de superar a falta de estrutura e de apoio (cabe lembrar que o futebol feminino foi a única modalidade brasileira na Grécia que não recebeu verba de incentivo fiscal), e ainda de receberem um tratamento dado pela mídia que as mantém distante do público e, repetidamente, comparadas aos homens ou lembradas pelos atributos de beleza ao invés das questões do esporte em si. (MARTINS; MORAIS, 2014, p. 76).

Vale ressaltar que os crescentes números de matérias nesse período trazem também uma preocupação, muitas dessas matérias e comentários permanecem sendo acerca do corpo e beleza das jogadoras, questões realmente importantes são colocadas em segundo plano, as condições do futebol feminino não são discutidas, e a divulgação da modalidade ocorre de maneira tímida. Outro ponto é a constância dessas matérias, nos meses que se seguiram à conquista da medalha de prata o interesse da mídia foi se esvaindo, e as promessas de valorização foram perdendo força, algo que podemos considerar típico. Visto que a visibilidade que o futebol de mulheres recebe é muitas vezes de caráter transitório, no período dos grandes eventos esportivos (nas Olimpíadas e na Copa do Mundo Feminino) ocorre uma procura maior do público e um interesse mais intenso dos meios de comunicação, que elaboram estratégias para agendar o evento. É o que ocorre em 2019, na oitava edição da Copa Mundial Feminina.

O agendamento para o evento de 2019 é algo inédito, tanto no meio jornalístico quanto no meio empresarial, ganhando grande incentivo e visibilidade. Pela primeira vez uma Copa do Mundo Feminina ganhou transmissão em canal aberto, as emissoras responsáveis por esse feito foram a Globo, maior emissora de TV do país, e a Band, que é a única a exibir o Campeonato Brasileiro Feminino. O site EL PAÍS (2019) enfatiza que a copa feminina de 2019 conta com ineditismo em vários aspectos, as principais marcas esportivas Nike e Adidas criaram uniformes exclusivos para as equipes que patrocina, e foram além, a Nike produziu um comercial temático que celebra o poder da representatividade feminina, já a Adidas impulsionou financeiramente, a marca esportiva igualou a premiação do feminino à oferecida aos times masculinos, algo muito raro nesse meio esportivo.

O patrocínio de fato é outra questão a ser observada, se por um lado a mídia contribui para o crescimento e a aceitação do futebol de mulheres, o patrocínio tem o mesmo objetivo. O incentivo financeiro através dos contratos de grandes marcas colabora para o crescimento profissional das atletas que podem ter acesso a melhores condições de desenvolverem o seu futebol, ganhando também mais visibilidade para a modalidade, um exemplo disso é o patrocínio exclusivo da Neoenergia à Seleção Feminina que: “prevê a exibição da marca no uniforme de treino da Seleção Feminina, ações promocionais e ativações nas redes sócias” (Neoenergia, 2021), o contrato ainda se estende ao Campeonato Brasileiro Feminino, que promove ações nas redes sociais que veem impulsionando a competição e tornando ela mais divulgada nos meios de comunicação. Com esse apoio, a empresa reforça o compromisso com a igualdade de gênero e empoderamento das mulheres, e expõe a necessidade de incentivo financeiro para obtenção de bons resultados.

Nesse sentido, as grandes empresas (incluindo as do meio de comunicação) são responsáveis pela legitimação e desenvolvimento da modalidade feminina, o incentivo das grandes marcas possibilita um melhor

desempenho das atletas nos campeonatos, com isso o futebol de mulheres alcança mais popularidade, é mais comentado e divulgado nos portais e jornais esportivos. Segundo Januário (2019), o agendamento jornalístico se relaciona com a agenda social, considerando o interesse de alguns grupos (financeiros, econômicos e políticos), ou seja, o progresso do futebol de mulheres de certo modo depende não apenas da mídia para a sua legitimação com o público, como também de incentivo financeiro para a profissionalização das atletas. Um longo caminho ainda deve ser percorrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o atual cenário, a visibilidade do futebol de mulheres progrediu em vários aspectos. Da proibição à modestos incentivos, as mulheres percorreram um caminho repleto de obstáculos e conquistas, a proibição decretada em 1941 freou toda e qualquer possibilidade de desenvolvimento esportivo das mulheres que escapavam dos limites e condutas impostas pelo seu sexo, ensaiaram uma transgressão que foi se firmando por insistência das próprias praticantes, a participação delas no futebol seguiu-se por muitos anos sem estímulos e banhando de preconceitos. Uma mudança só foi vista com o fim da proibição, quando a modalidade pôde (mesmo que a passos lentos) começar a se organizar e assim conquistar um espaço dentro do agendamento esportivo, algo que ficou mais significativo nas últimas décadas.

No entanto, apesar das conquistas de 2019 não podemos jogar na retranca. Ainda que o Mundial Feminino do referente ano tenha sido um sucesso e através dele o futebol de mulheres tenha conquistado mais incentivo financeiro, visibilidade na mídia e apelo popular, esse é momento de colocar o time para frente, jogar na marcação, buscar mais resultados positivos para a modalidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Soares Caroline. **Boas de bola**: Um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Tese (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 151. 2013.

BOTELHO, Fátima Leide. A presença das torcedoras nas arquibancadas dos estádios de futebol na capital mineira. In: LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya Barreto. (Orgs.). **Elas e o futebol**. João Pessoa: Xeroca!, 2019.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidade. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, abr./jun. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Histórias das mulheres no esporte: o gênero como categoria analítica. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, p.1-10, 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil**: descontinuidade, resistência e resiliências. Movimento. Porto Alegre, v. 27, 2021.

GONÇALVES, Eduarda **Dos Passos**. O futebol de mulheres na mídia: a cobertura jornalística da Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA 2019 nos portais Globoesporte.com e Dibradoras. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021.

JANUÁRIO, Soraya Maria Bernardino Barreto; VELOSO, Ana Maria. Gênero, mídia e futebol: a cobertura midiática genderificada no Brasil. In: LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya Barreto. (Orgs.). **Elas e o futebol**. João Pessoa: Xeroca!, 2019.

KAZ, Leonel, SILVA, Paulo da Costa. “Dando tratos a bola: Futebol e Brasil”. In: **REVISTA USP**, Dossiê Futebol”. São Paulo: n. 99 • P. 67-78 • Setembro/Outubro/Novembro. São Paulo: 2013.

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues. Elas tem torcida: análise das manifestações online nas transmissões ao vivo dos jogos da Copa América Feminina de 2018. In: LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya Barreto. (Orgs.). **Elas e o futebol**. João Pessoa: Xeroca!, 2019.

MARTINS, L. T.; MORAIS, L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n.

1, p. 69-82, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/33360>. Acesso em: 31 mar. 2023.

PISANI, Mariane da Silva. **‘Sou feita de chuva, sol e barro’**: o futebol de mulheres praticado na cidade de São Paulo. 2018. 245 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. “Capital Irradiante: Técnica, ritmos e ritos do Rio”. In: SEVCENKO, Nicolau. História da vida privada no Brasil. **República: da Belle Époque à era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. “Futebol, Metrôpoles e desatinos”, in: **Revista USP**, Dossiê Futebol n. 22, São Paulo: CCS/USP, 1994.

A Copa da visibilidade para o futebol feminino. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/07/deportes/1559859959_673773.html?outputType=amp. Acesso em: 31 mar. 2023.

A disparidade salarial entre homens e mulheres na Copa do Mundo da FIFA é de US\$ 370 milhões. É hora da equidade. Disponível em: <https://theconversation.com/the-gender-pay-gap-for-the-fifa-world-cup-is-us-370-million-its-time-for-equity-118400>. Acesso em: 13 abr. 2023.

A História do Futebol Feminino no Brasil. Disponível em: [História do Futebol Feminino | ge.globo](https://www.ge.globo.com/historia-do-futebol-feminino-no-brasil). Acesso em: 31 mar. 2023.

Copa do mundo feminina bate recorde e supera 1 bilhão de espectadores. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/10/18/copa-do-mundo-feminina-bate-recorde-e-supera-1-bilhao-de-espectadores/>. Acesso em: 15 abr. 2023.

Da proibição à obrigação, o futebol feminino desafia os clubes brasileiros em 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/deportes/1555012178_170838.html. Acesso em: 15 abr. 2023.

Nike lança comercial inspirador para a Copa do Mundo de Futebol Feminino. Disponível em: <https://esportefera.com.br/noticias/futebol,nike-lanca-comercial-inspirador-para-a-copa-do-mundo-de-futebol-feminino,70002852958>. Acesso em: 13 abr. 2023.

NEOENERGIA É A PRIMEIRA EMPRESA NO PAÍS A PATROCINAR EXCLUSIVAMENTE A SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL FEMININO. Disponível em: <https://www.neoenergia.com/pt-br/sala-de-imprensa/noticias/Paginas/neoenergia-primeira-empresa-patrocinar-exclusivamente-selecao-brasileira-futebol-feminino.aspx>. Acesso em: 13 abr. 2023.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda e incentivos de diversas pessoas, dentre as quais eu não poderia deixar de agradecer.

A minha professora orientadora, dr^a. Edna Maria Nóbrega Araújo, que durante os últimos meses me acompanhou pontualmente, dando todo auxílio necessário para a elaboração deste trabalho, as suas orientações foram de extrema importância.

Aos professores do curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, campus Guarabira, que através dos seus ensinamentos permitiram que eu pudesse hoje estar concluindo este trabalho.

Aos meus amigos de curso, por toda ajuda e companheirismo recíproco entre nós, serei grata por tudo que passamos juntos nos últimos anos.

A minha família, que me incentivaram e não permitiram que eu desistisse dos meus sonhos, e acima de tudo sempre apoiaram as minhas decisões. Em especial, a minha mãe.

E a minha noiva, por todo incentivo dado nos últimos meses, sempre acreditando e me dando apoio, ela foi fundamental nessa reta final, sou grata por ter alguém tão incrível ao meu lado.